

O violão e o fazer artístico-científico em tempos de pandemia: Estamos vivos! Estamos vivos!

Editorial

Humberto Amorim | Editor-convidado

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

Felipe de Almeida Ribeiro | Editor-chefe

Universidade Estadual do Paraná (Brasil)

Há pouco mais de um ano, quando engendramos as bases de uma edição temática de violão na Revista Vórtex, jamais poderíamos imaginar que o número seria integralmente tecido e publicado em meio a uma crise sanitária global que, somente no Brasil, já vitimou centenas de milhares de vidas, reconfigurando nosso modo de ser e estar no mundo, individual e coletivamente. Deflagrada no início de 2020, a pandemia de Covid-19 ladeou todas as etapas editoriais decisivas dessa publicação, incluindo o período de submissões, avaliações, revisões, construção dos dossiês, diagramação e publicação. Foram meses de árduo e intenso trabalho, acompanhados sempre pela sombra renitente do vírus, das perdas, da dor e da insegurança. Definitivamente, sob qualquer ponto de vista, não foi fácil chegar aqui. Mas chegamos. Antes de tudo, portanto, esse número temático é a expressão de um grito abafado que todas e todos, em maior ou menor grau, guardamos entalado na garganta: Estamos vivos! Estamos vivos!

Na publicação, essa celebração da condição (e da consciência) de “estar vivo” se deu em vários níveis, a começar pelo enorme contingente que fomos capazes de reunir em torno da edição: duzentas (200) pessoas, entre autores, avaliadores, convidados e equipe editorial¹. Mais do que um número, uma expressão inequívoca de nossa força coletiva. Em cada seção e etapa da edição temática, a capacidade de trabalhar cooperativamente contagiou todas as partes envolvidas, levando-nos a estabelecer números nunca antes vistos desde a fundação da Revista Vórtex.

Diante da proposta que lançamos, agradecemos a acolhida recebida por 75 autores e autoras que, em autoria ou coautoria, nos deram a honra de submeter 55 trabalhos (47 artigos e 8 partituras), dentre os quais houve 45 aprovações (39 artigos e 6 partituras²), um recorde absoluto no histórico da Revista. Contudo, embora absolutamente expressivos, esses não são os dados que mais nos animam. Desde o princípio, por mais paradoxal que pareça, o nosso propósito foi o de não tomar o violão como um objeto de gueto, mas, ao contrário, que a edição pudesse refletir a capacidade do instrumento de se transformar em poderoso receptáculo da articulação do pensamento, interseccionando diversas subáreas da música e outros campos do conhecimento. Nessa edição, o violão dialoga francamente com a Composição, a Educação Musical, a Etnomusicologia, a Musicologia, a Performance, a Teoria e Análise Musical, a Computação, a Literatura, a História, dentre outros mergulhos possíveis. A prerrogativa nunca foi a de levantar paredes. Antes, derrubá-las.

Diante disso, celebramos a decisiva contribuição das professoras e professores universitários e dos estudantes de pós-graduação, categorias que, somadas, representaram dezenas de universidades

¹ Um especial agradecimento dos editores ao Antonio Spoladore pelo trabalho de masterização realizado para o Dossiê Audiovisual e à Amanda Lourenço Jacometi como Assistente Editorial dos Artigos Científicos.

² Dispostas (os) em ordem alfabética, as 63 autoras e autores dos trabalhos aprovados nos dão uma dimensão da força que a presente edição alcançou: Alisson Alípio, Amanda Carpenedo, Andréa Alencar, Andrés González, Bernardo Ramos, Bruno Madeira, Camilla dos Santos Silva, Camilo Mendez, Carlos Fiorini, Cláudia Garcia, Cristiano Braga de Oliveira, Daniel Lemos Cerqueira, Daniel Wolff, Davi Melo, Diego Castro Magas, Eduardo Frigatti, Fábio Bartoloni, Felipe Augusto Vieira da Silva, Felipe de Almeida Ribeiro, Felipe dos Anjos Afonso, Fernando Aguera, Fernando Araújo, Flavia Prando, Flavio Barbeitas, Gabriel Bianco Navia, Guilherme Augusto de Ávila, Guilherme Arce, Guilherme Vincens, Helder Tomas Pinheiro, Helena Marinho, Inácio Rabajoli, Joaquim Santos Neto, Jonathan Douglas Lopo Martins, José Jarbas, Leonardo Loureira Winter, Lourival Lourenço Junior, Luciana Câmara, Luciano Hercílio Alves Souto, Luciano Lima, Luigi Gomes Brandão, Luís Fabiano Borges, Luiz Mantovani, Márlou Peruzzolo Vieira, Maria Alice Volpe, Mário Cardoso, Marta Castello Branco, Mauricio Gómez Gálvez, Pauxy Gentil-Nunes, Pedro Rodrigues, Rafael Iruveda, Raquel Turra Lones, Renan Colombo Simões, Ricardo Henrique Serrão, Ricieri Carlini Zorzal, Rita Torres, Rodolfo Coelho de Souza, Sabrina Souza Gomes, Samuel Peruzzolo Vieira, Sergio Kafefjian, Sérgio Ribeiro, Victor Melo Vale, Vitor de Souza Leite, Wladimir Farto Cortesini de Mattos.

públicas e particulares espalhadas por todas as regiões do Brasil. Cumpre destacar que a edição também reuniu nove artigos escritos em inglês ou espanhol, com a participação de oito pesquisadores/as estrangeiros/as, além de brasileiros/as atuantes no exterior. Essa rica intersecção de olhares e perspectivas não se manifestou apenas nos temas diversos e multifacetados dos trabalhos apresentados, mas também (e talvez sobretudo) nas conexões em rede que procuramos instigar durante a etapa de avaliações. Independente da condição de aceite ou recusa dos textos, o objetivo foi sempre o de promover um diálogo verdadeiramente frutífero entre autores/as e avaliadores/as, no qual, durante o processo, as compreensões sobre os variados objetos de estudo tivessem a chance de se mover de lugar, tanto para quem propôs os artigos quanto para aqueles/as que os avaliaram.

Para tanto, foram convocados/as nada menos que 87 pareceristas violonistas e não-violonistas (outro recorde estabelecido), doutores e doutoras especialistas em diversas subáreas da música, cujos nomes e colaborações significativas nos dão a garantia de que rigor e generosidade não são dimensões incompatíveis³. É possível, sim, transformar o fazer científico em um espaço de trocas verdadeiras. O aprofundamento e/ou a rearticulação do conteúdo de muitos dos trabalhos, a partir dos apontamentos das/dos pareceristas, foi das experiências mais significativas e animadoras que presenciamos na condição de editores. Com isso, o violão oferece à comunidade musical científica brasileira um testemunho prático e simbólico: estar aberto à escuta e ao diálogo são urgências inescapáveis de nosso tempo. Na defesa da ciência, do conhecimento, das universidades, da cultura, da diversidade, dos valores civilizatórios e, em última (e primeira!) instância, da vida, nunca foi tão urgente vencer diferenças e trabalhar de mãos dadas com aqueles e aquelas que ainda não desistiram de tais forças motrizes. Um convite que, a partir do violão, deixamos a todas e todos que pudermos alcançar.

Sim, estamos vivas e vivos! E para fazer jus a tal condição é também nosso dever manter pulsante a memória dos que forjaram nosso caminho. Sobretudo em decorrência do vírus, o fatídico ano de 2020 nos ultrajou com muitas e difíceis perdas, que acabaram por se somar àquelas não necessariamente relacionadas à pandemia de Covid-19. Uma delas foi particularmente dolorosa para o nosso instrumento: aos 87 anos, o violonista inglês Julian Bream (1933-2020) faleceu no dia

³ A lista completa das e dos pareceristas se encontra no site do periódico: <http://vortex.unespar.edu.br/>. Deixamos registrado o nosso mais sincero agradecimento, a todos e todos, pelo primoroso trabalho desempenhado.

14 de agosto, em Wiltshire (Inglaterra), “em casa e em paz”, segundo o relato de seus representantes.⁴

À época, embora já estivéssemos em um estágio avançado das etapas cumpridas para a publicação do número temático (fim das submissões e início das avaliações), não tivemos quaisquer dúvidas: era irremediável criar um espaço para homenagear a trajetória e a produção de um dos maiores intérpretes musicais do século XX. Diante de tal urgência, nasceu o dossiê “Cartas para Julian Bream”, no qual convidamos oito personalidades musicais do violão à escrita de ensaios livres – em tamanho, forma e conteúdo – que abordassem, sob os mais diversos prismas, o legado e a importância do violonista inglês para o nosso instrumento.

Foi assim que quatro nomes com carreiras internacionais consolidadas – e que conviveram com Julian Bream em diferentes momentos de sua vida – nos deixaram relatos singulares: Fabio Zanon, o violonista de concerto brasileiro de maior projeção mundial da atualidade, abre a série com um obituário que percorre as realizações e dimensões mais decisivas da carreira de Bream, revelando-nos também aspectos humanos e musicais contemplados e absorvidos a partir de seus contatos com ele. Ainda dentre as/os convidadas internacionais, o inglês Jonathan Leathwood, a franco-inglesa Laura Snowden e a americana Alice Artzt nos ofertam testemunhos inéditos e exclusivos que não somente margeiam os papéis decisivos de Bream para a história do violão, mas que sobretudo instilam reflexões (musicais e extramusicais) debulhadas através das vivências e experiências diretas com ele, revelando-nos aspectos de sua personalidade, temperamento e cotidiano que só mesmo um convívio estreito poderia suscitar. De forma generosa, esses/as artistas internacionais oferecem aos leitores/as, do Brasil e do mundo, camadas que nos permitem identificar e/ou reconhecer algumas das sínteses do pensamento de Bream, recolhidas a partir de interações sutis, afetivas e profundas.

A elas e eles, somaram-se ao dossiê quatro pesquisadores/as e pensadores/as que, em relação ao violão, estão dentre as/os de maior referência no Brasil: Sidney Molina (FASM), que parte de uma análise e categorização da discografia de Bream para aprofundar o olhar sobre as ambivalências e desvios de suas regravações; Teresinha Prada (UFMT), que propõe um retrato musical de Julian

⁴ Disponível em: <https://www.concerto.com.br/noticias/musica-classica/julian-bream-1933-2020>. Acesso em 14 dez. 2020

Bream por Leo Brouwer; Gilson Antunes (UNICAMP), que intercala um profundo conhecimento de música e cinema para tangenciar alguns dos paradoxos diretos e indiretos da carreira do mestre inglês; e Ricardo Dias, luthier e escritor que explora de forma envolvente a espiralada relação do violonista homenageado com a luteria.

Os/as oito convidados/as desse dossiê nos legam, assim, textos cujos conteúdos correspondem à excelência de suas assinaturas, conferindo ao tributo os substratos técnico, emocional e imaginativo imprescindíveis na abordagem de um artista com a envergadura histórica de Bream. O filósofo italiano Emanuele Coccia (2018) nos recorda que é uma tarefa política defender a saída de um *ponto de vista* (Narciso) para um *ponto de vida* (através do outro). Assim, nossos mais sinceros e profundos agradecimentos a Alice Artzt, Fabio Zanon, Gilson Antunes, Jonathan Leathwood, Laura Snowden, Ricardo Dias, Sidney Molina e Teresinha Prada, por oferecerem à comunidade brasileira e internacional de violonistas alguns *pontos de vida* em torno do mestre inglês. Sim, estamos vivas e vivos! E Julian Bream continuará a viver em (e através) de nós, com a força de seu legado. Como escreveu Fabio Zanon, em um dos trechos mais emocionantes de seu artigo, “aquele cuja arte está esculpida na consciência de tantas pessoas nunca morre”.

Finalmente, como perspectiva humana e científica (dimensões que jamais deveriam se apartar), julgamos que não seria possível movimentar tantas pessoas e propósitos fechando os olhos para o terrível vírus que nos assola. Desde a *Escola dos Annales*, com Lucien Febvre e Marc Bloch, os historiadores têm nos alertado para os perigos de separar um objeto de estudo das implicações de seu tempo, o que pode nos levar a “cadeias de anéis simultaneamente irreais e fechadas”. Dialogando com Febvre, Roger Chartier discorre sobre essa vida própria “fora do tempo e do espaço”, na qual as ideias ou os sistemas de pensamento se isolam “das condições que permitiram a sua produção” e se separam radicalmente “das formas de vida social.” (2002, p. 34). Todas e todos nós, editores e equipe técnica da Revista, autoras/es, pareceristas e convidadas/os, tecemos, juntas e juntos, essa edição temática durante a pandemia de Covid-19. Mais do que uma necessidade, tomamos como um dever ético a tarefa de deixar um testemunho dessa jornada desafiadora, para nós e para aquelas e aqueles que virão.

Dessa urgência surgiu a ideia de fazermos o dossiê audiovisual “Violão em tempos de pandemia”, no qual convidamos lendas brasileiras e internacionais de nosso instrumento,

professoras e professores renomados e algumas/alguns dos nossos mais promissores talentos, a deixar um registro audiovisual com a gravação de uma música e um depoimento sobre a pandemia. De caráter livre, o conteúdo poderia ser um testemunho pessoal, uma mensagem aos colegas ou à sociedade, uma reflexão crítica sobre a nossa condição individual e/ou coletiva diante do vírus. Em um momento no qual ainda estamos privados de nos abraçar fisicamente, nosso objetivo era, ainda que simbolicamente, também o de encontrar alguma forma de fazer música e estarmos juntos e juntas, compartilhando sons, experiências e um pouco do afeto tão necessários para seguirmos em frente durante esses longos e difíceis meses de reclusão.

Os frutos gerados são algo que ainda não sabemos ao certo como dimensionar, tamanha a força, humanidade e emoção que cada vídeo recebido ia nos provocando ao chegar. De diversas partes do Brasil (10 cidades de diferentes regiões) e do mundo (10 países), recebemos a contribuição de 24 artistas, todas e todos referências estrangeiras e brasileiras do instrumento: Anabel Montesinos, Badi Assad, Cecília Siqueira, Cristina Azuma, Eduardo Fernández, Elodie Bouny, Fernando de Lima, Gabriele Leite, Ignácio Rodes, Isabel Martínez, João Luiz Rezende, Luciana Lozada, Luisa Lacerda, Magnus Andersson, Maria Haro, Mária Hanny, Miriam Rodriguez Brüllova, Nonato Leal, Octávio Deluchi, Pablo Márquez, Sebastião Tapajós, Sérgio Assad, Shani Imbar e Thaís Nascimento⁵.

Como agradecer? Não há meios, palavras ou ações possíveis. Por tudo o que envolve o momento, os gestos desses e dessas artistas se convertem na ação mais profunda que pudemos presenciar em mais de duas décadas de carreira. São virtuosas e virtuosos que estão dentre os mais talentosos músicos de várias gerações de violonistas. Contudo, a lição que deixam é a de que Mestras e Mestres verdadeiros são, antes de tudo, virtuosos no coração. Seres capazes de estabelecer conexões e diálogos a partir de outros canais, dando cor renovada à esbatida máxima de Jung: “Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.” (apud NASCIMENTO, 2017, p. 5).

Para além de um concerto sem fronteiras, o mosaico das mensagens oferecidas por essas e esses artistas são um poderoso testemunho de como a pandemia atravessou decisivamente nossas

⁵ Nossos agradecimentos especiais aos amigos e às amigas Elodie Bouny, Fábio Bartoloni, Octávio Deluchi, Ricardo Dias, Samuel Huh e Verinha Leal, decisivos para que tivéssemos os aceites de alguns de nossos/as convidados/as.

vidas prática e simbólica, nossas sensibilidades, nossa coletividade, nosso dia a dia, nossa relação com o meio ambiente, a tecnologia e as urgências desse período de incertezas. Impossível fazer qualquer recorte: de Nonato Leal, do alto de seus 93 anos e que gravou uma peça composta por ele aos 92; passando por Ignacio Rodes, um sobrevivente direto do vírus e que realizou a gravação poucos dias depois de se curar, após três semanas de testes positivos; até Badi Assad, a encantadora da Natureza que viu o seu ancestral depoimento ser invadido pela chuva e pelo canto de pássaros, tudo é musical e humanamente forte e revelador. Música e palavra na voz e no violão de ícones que nos lançam sobre uma espécie de “consciência do tempo”. À nossa comunidade, também uma recordação perene de que os esforços individuais se potencializam quando projetados na dimensão coletiva.

Na mais icônica de suas obras (publicada postumamente em 1949 e escrita no cárcere durante e diante da guerra trágica que solapava a humanidade), Marc Bloch⁶ professou que “em matéria intelectual, não mais que em qualquer outra, o horror das responsabilidades não é um sentimento muito recomendável.” (BLOCH, 2002, p. 46). A sentença nos impõe uma incontornável questão ética: mesmo depois de vencido o vírus e a pandemia de Covid-19, a que projeto de humanidade estamos nos dedicando?

Que esse tempo e as suas dores não sejam esquecidos e nos deixem as lições necessárias. Não é fortuito que tenhamos decidido iniciar o dossiê pandêmico prestando uma homenagem póstuma a uma dentre as centenas de milhares de pessoas que foram vitimadas, somente no Brasil, em decorrência da pandemia, da negligência macabra de nossas autoridades e de nosso próprio egoísmo. Depois de hospitalizado e de lutar por mais de um mês contra o vírus, o brilhante violonista, compositor e arranjador brasileiro Luciano Fleming acabou sucumbindo em Brasília, no dia 1º de novembro de 2020, deixando o violão brasileiro diante de uma perda direta e irreparável. A ele e a todas as vítimas de Covid-19, dedicamos esse volume temático de violão da Revista Vórtex.

Campbell nos recorda que, mais do que um sentido para a vida, devemos buscar “uma experiência de estar[mos] vivos” (1990, p. 17). Que esse mergulho em águas turvas nos leve para

⁶ O historiador francês Marc Bloch (1886-1944), um dos fundadores da *Escola dos Annales*, teve a sua existência e pensamento atravessados decisivamente pelas duas guerras mundiais do século XX. Judeu e membro da resistência francesa, acabou detido, torturado e finalmente fuzilado pela *Gestapo*, a polícia secreta oficial da Alemanha nazista, em junho de 1944. O livro mencionado, *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*, foi escrito pouco antes de seu assassinato.

uma compreensão melhor e mais profunda de nossa humanidade. Somos, ao final (que é sempre também um princípio), duzentas pessoas reunidas nessa edição temática de violão. Estamos vivos! Estamos vivos! E seguiremos juntas e juntos, ainda que momentaneamente separados fisicamente, sob o propósito maior de tornar o nosso instrumento – o violão – um canal potencializador do pensamento, da arte, da ciência, da cultura, da música, dos afetos e da vida.

Boa leitura...

Boa escuta....

Boa reflexão.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2002.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. *O Poder do Mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. Alges-Portugal: Ed. Difel, 2002.

COCCIA, Emanuele. *A Vida das Plantas*. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

NASCIMENTO, Viviane Shima do. *Diálogos entre arte, loucura e clínica – um olhar para o sofrimento psíquico e sua representatividade na arte*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Psicologia). Niterói: Universidade Federal Fluminense/ Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2017.